LENDAS DE VIANA DO CASTELO

SUMÁRIO

LENDA DE VIANA 2
LENDA DE D. SAPO 3
LENDA DO RIO LIMA 4
LENDA DO MONTE DA DOR 6
LENDA DA SERRA DE ARGA 7
LENDA DAS CINCO BADALADAS 9

LENDA DE VIANA

Era uma vez uma pequena povoação nascida na margem direita do rio Lima, junto à foz, quando as águas doces e vagarosas se misturam com o bravio das ondas salgadas.

Chamava-se Átrio e tinha, sobranceira, uma montanha densa de arvoredo, onde no alto existia a fortificação de um castro habitado por povos sem nome e que, a dada altura, desceram ao litoral, buscando, na pesca, melhor alimento e mais comércio.

Era extremamente bela, entre veigas cultivadas, palmos de hortas viçosas, redis, pomares e vinhedos, mas a sua principal vocação era o mar, a pesca.

Na praia, várias embarcações esperavam pelas madrugadas para serem lançadas às vagas, com o afã dos remos, o aceno das velas e o espalhar das redes.

Pelo entardecer, as companhas regressavam ao átrio, para a alegria das mulheres e das crianças, com o fundo da embarcação farto de pescado palpitante: a sardinha, o carapau, a faneca, o congro...

Vinham, rio abaixo, habitantes de outras povoações, para o abastecimento pródigo das suas mesas.

Ora, morava no Átrio, na modéstia de um casebre, uma linda rapariga chamada Ana, filha de pescador e desenvolta na venda do peixe, sempre com uma canção nos lábios, ouvida a algum jogral chegado da vizinha Galiza, onde animava os serões dos paços e os terreiros das romarias.

Escutava-lhe, deliciado, estas cantigas de amor e de amigo, um jovem barqueiro que, transportava, na correnteza do rio, até ao Átrio, lavradores e mercadores à compra de peixe fresco e saboroso.

De tanto escutar a voz harmoniosa de Ana e de lhe admirar a graça, o rapaz começou a sentir pela rapariga um amor que ia aumentando dia após dia.

Confessara já aos amigos e companheiros de lida o agrado desse amor nascente. E estes, contentes com o seu contentamento, sorriam quando o moço barqueiro, ao voltar do Átrio, lhes atirava um brado feliz:

- Vi Ana! Vi Ana!

Um dia, porém, não se contentou em vê-la e dirigiu-lhe e palavra, num enleio que lhe corava as faces.

A rapariga, percebeu o vivo interesse amoroso do rapaz por ela, os olhos brilhantes sobre o rosto, sobre o cabelo dela.

O seu coração lisonjeado retribui-lhe esse interesse, retribuiu-lhe esse amor.

Não tardou em realizar-se a boda dos dois enamorados.

Durante os festejos, os companheiros e amigos do noivo recordaram-lhe o brado entusiástico:

- Vi Ana! Vi Ana!

O dito foi logo adoptado pelos pescadores do Átrio que passaram a repeti-lo quando, regressavam dos trabalhos duros da faina, se lhes deparava o vulto acolhedor da montanha, as praias doiradas, as veigas férteis, as águas lentas do rio e a paz dos seus lares:

- Vi Ana! Vi Ana!

Ao conceder o foral à povoação da foz do Lima, em 1258, o rei D. Afonso III, que a visitara tempos antes, extasiando-se com tanta beleza e prosperidade, substituiu-lhe o nome de átrio pelo de Viana.

Por certo, alguém lhe revelara aquele brado de amor.
E só amor merece terra tão abençoada!

Fonte: VIANA, António Manuel Couto - "Lendas do Vale do Lima". Ponte de Lima: Valima - Associação de Municípios do Vale do Lima, 2002, p. 53-54
Ilustração de António Vaz Pereira

LENDA DE D. SAPO

Era uma vez um fidalgo chamado D. Florentim Barreto, a quem o povo alcunhara de D. Sapo, senhor de um solar torreado e de vastas terras de lavoura, situadas na freguesia de Cardielos, cerca da Viana e das águas do Lima.

Todos os seus servidores o odiavam, pois exercia sobre eles um poder injusto e cruel. Mas, sobretudo, o que mais lhes alimentava o ódio era o direito a que D. Sapo se arrogava de passar com as noivas dos seus criados, a primeira noite de núpcias.

Obrigado a submeter-se a costume tão infame, qualquer novo casal constituído sofria, todavia, em silêncio, a luxúria de D. Florentim Barreto, sem ter coragem de se revoltar contra ela, temeroso da miséria e mesmo da morte.

Uma ocasião, um jovem empregado seu, vendo próximo o casamento e não podendo suportar que a sua amada fosse submetida à violência do amo, reuniu os seus companheiros e convenceu-os, sobretudo aos mais velhos e respeitáveis, a demandar a Corte, denunciando a El-Rei a vilania do fidalgo e pedindo, para ele um castigo severo.

Eles sabiam que D. Florentim tinha grandes amigos influentes na Corte, capazes de defender, perante o soberano, a sua vida e os seus hábitos, jurando-o inocente. Por isso usaram de manha.

Aos pés do rei, rogaram-lhe a mercê de se libertarem, pela morte, de um sapo que, em suas terras, roubava a donzelia às raparigas e tiranizava todo o povo da região.

Espantou-se o rei com pedido tão singular e, sorrindo da ingenuidade das gentes de Cardielos, concordou que matassem, à sacholada, sapo tão daninho.

Regressaram os enviados deveras contentes com a decisão real e logo convocaram os braços válidos da freguesia para, munidos de sacholas, assaltarem o solar e darem morte rápida a D. Sapo.

D. Florentim foi apanhado de surpresa nos seus prazeres favoritos e, com um grito, tombou, inerte e crivado de golpes, no chão do quarto onde praticara tanto crime horrendo.

Pôde, assim, o jovem noivo, esperto e ousado, libertar a pureza da sua noiva dos desejos repugnantes de D. Sapo e libertar, igualmente, e de vez, todo o povo de Cardielos das garras do fidalgo.

Mas os amigos de D. Florentim Barreto, ao saberem do atrevimento da justiça popular, logo correram à Corte, a reclamar de El-Rei, a condenação dos prevaricadores.

Zangou-se grandemente o soberano com esta rebelião sangrenta e ordenou que viesse à sua presença quem cometera tão grande desacato.

Então, os considerados culpados replicaram, perante ele, que haviam recebido da boca do próprio rei a ordem de morte de D. Sapo, pois só por este nome conheciam D. Florentim e que os motivos das suas queixas eram verdadeiros.

Ouviu El-Rei, ponderadamente, os argumentos das gentes de Cardielos e disse-lhes:

- Ide em paz para as vossas terras.

O dito está dito. Palavra de Rei não volta atrás.

Feliz com o desenlace, o povo tratou de destruir a torre e o solar de D. Florentim Barreto para que não restasse memória, nem do fidalgo nem dos seus actos condenáveis.

Restou, porém, para os vindouros, a curiosidade da história aqui narrada.

Fonte: VIANA, António Manuel Couto - "*Lendas do Vale do Lima*". Ponte de Lima: Valima - Associação de Municípios do Vale do Lima, 2002, p. 38-39
Ilustração de António Vaz Pereira

LENDA DO RIO LIMA

Era uma vez um rio.

Nascera, sem pressa, entre espessas penhas, uma serra galega, e, sem pressa, foi descendo um vale ameno, bordado de salgueiros e veigas viridentes, avistado, débil pela distância, dos altos montes revestidos de pinheirais, e onde, nos cimos, se abrigavam o refúgio e agressividade de velhos castros.

Era azul e liso.

Não tinha nome ainda.

O povo que lhe usava as águas, para a rega, a pesca e a sede, era rude, selvagem, mal sabendo talhar na pedra o machado da lenha; a faca lascada para dilacerar a rês, destinada ao fulgor das brasas; a ponta de lança para a defesa e o ataque contra a violência que lhe roubava o gado e lhe raptava a mulher.

Pela calma do entardecer, a tingir de vermelho os céus do mar próximo, o pastor, recoberto de peles de fera, conduzia os rebanhos até às areias finas das margens, a beberem frescura na limpidez do rio, longa, longamente...

Mas esta paz de paraíso não tardou a ser perturbada pelo passo duro e cadenciado do soldado estranho.

A Roma imperial enviara as suas legiões aos campos agrestes da Ibéria, vencendo batalhas, edificando estradas lajeadas, as pontes, os aquedutos, as muralhas guerreiras, os templos para os deuses, os anfiteatros e as arenas para os prazeres da arte e do desporto.

Elas invadiam, implacáveis, o bucolismo da paisagem doce, empunhando a agudeza da lança e o escudo de coiro lavrado, entre o ruído dos pesados carroções e o tropear febril dos cavalos.

Um dia, eis que o arreganho destas legiões chega junto à margem sul do rio, com seus pendões rubros, constelados de águias, sacudidos por uma brisa mansa. E, estaca, rendido, deslumbrado!

No arrebatamento da visão, toda a soldadesca excitada supõe estar diante daquele rio Lethes, o Rio do Esquecimento, um rio sem par de que lhe falavam as lendas e as narrativas do seu país e do esquecimento, porquê?

Porque se dizia que quem ousasse atravessá-lo, enfeitiçado pela sua beleza, logo esqueceria a pátria, a família, o próprio nome.

Tomado de pavor pelos avisos desta condenação, todo o exército se recusou a mergulhar, naquelas águas encantadas, a poeira das sandálias, obrigadas a calcar o vau da passagem que o levaria sem perigo à margem oposta.

Em vão os comandantes lhe davam ordem de avançar.

Em vão o chefe supremo, Décio Júnio Bruto, lhe ameaçou a desobediência com a prisão e a morte.

Ninguém se movia dali, paralisado pela emoção e pelo medo. Mas Décio Júnio Bruto teve uma decisão feliz.

Apeando-se do seu ginete, atravessou, lento, as águas feiticeiras, com o escudo a proteger-lhe a cabeça, a curta espada desembainhada na firmeza da mão. E, mal atingiu o areal da margem direita, vencendo o rumorejar do arvoredo, o gorjeio mavioso dos rouxinóis, começou a bradar pelos seus homens, hirtos, perfilados à sua frente, como estátuas estáticas, proferindo, de cada um deles, o nome exacto, sem revelar esforço de memória.

Só desta forma convenceu os seus soldados que, afinal, o rio que lhes corria aos pés não era o Lethes do esquecimento, apesar da sua beleza, apesar do seu fascínio.

Então, todo o exército atravessou, sem hesitar, as águas claras e brandas, e seguiu para novas paisagens, novos montes e vales, novos rios, embora nenhum deles tão deslumbrante.

E aquele rio que, por um momento de paixão e de temor, fora baptizado de Lethes, continuou a correr, sem pressa, até ao desenlace da foz.

O rio tem, hoje, o nome de Lima. E, tal como outrora, ei-lo que fascina, pela sua beleza, quem dele se abeira, lhe escuta o leve fluir, já ladeado, agora, pela riqueza e nobreza das igrejas e santuários milagreiros; pelos escuros solares armoriados e a brancura alegre dos casais; pelo bulício de antigas povoações com suas elegantes pontes arqueadas sobre barcos pesqueiros; e, por todo o horizonte, as torres, os pelourinhos, as cruzes...

Rio do Esquecimento?

Não.

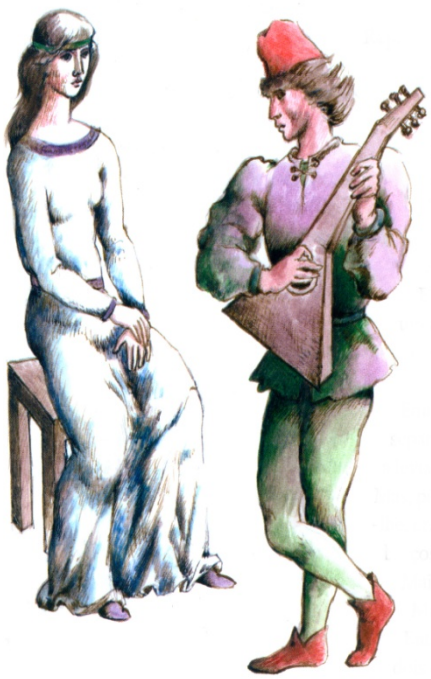
Rio da Lembrança.

Lembrança viva destas terras amoráveis, por onde desliza e que parece beijar.

Fonte: VIANA, António Manuel Couto - "*Lendas do Vale do Lima*". Ponte de Lima: Valima - Associação de Municípios do Vale do Lima, 2002, p. 56-57
Ilustração de António Vaz Pereira

LENDA DO MONTE DA DOR

Era uma vez um poderoso Emir, senhor absoluto de Gaia, povoação e terras sobranceiras ao rio Douro, escuro e caudaloso, a caminho do mar próximo.



O Emir tinha uma irmã, chamada Aldara, que muito estimava, rodeando-a de quantas riquezas amontoara no seu palácio. Jóias, plumas, sedas, realçavam-lhe a beleza morena, sempre entregue a festas, a torneios, a banquetes, que o irmão lhe proporcionava para a saber feliz.

Todavia, Aldara preferia, de todos esses festejos e divertimentos, as audições de música e canto e poesia que lhe alimentavam os sonhos e devaneios.

E foi, numa dessas audições, surpreendida pela voz quente e melodiosa de um jovem trovador, de olhos azuis e cabelo loiro caído sobre os ombros, erguida ao som da viola, por ele próprio dedilhada.

A letra das suas badaladas, cheias de brandos suspiros, eram de uma língua doce, estranha à princesa. Decerto o donairoso trovador viera do Norte, cativo do Emir, nas suas escaramuças com os cristãos, e decerto devia a vida à perfeição da sua arte.

Começou Aldara a amar o desconhecido, não se cansando de lhe admirar a música e o canto.

E, no coração do trovador, esse amor parecia ser correspondido.

Não tardaram os dois a chegar à fala, partilhando, em prolongados encontros secretos, aquela paixão impossível. Impossível?

Uma noite, Aldara, comprando o segredo dos seus servos e aias, escapando à vigilância dos seus guardas, correu para os braços do trovador e ambos abandonaram o palácio de Gaia, numa cavalgada apressada, a caminho de um reino cristão, onde o seu amor estivesse a salvo das leis sarracenas e da severidade do Emir.

Galoparam horas sem descanso e, quando o Sol enfim nasceu, encontravam-se percorrendo uma extensa veiga à beira-mar, numa região que se estendia do rio Lima até à foz do Minho, acolhedora na sua paz e na sua beleza.

Não ignoravam os dois enamorados que o irmão de Aldara, ao descobrir-lhes a fuga, logo chefiaria, contra eles, a força dos seus exércitos. E estes, mais velozes e afeitos a perseguições de inimigos, depressa os encontrariam, para castigo cruel.

Mais a mais, a veiga não tinha lugar nenhum onde pudessem ocultar-se, deixando passar, avante os seus perseguidores. Súbito, no horizonte, recortou-se o vulto de um monte frondoso, a convidá-los a encontrar, nele, repouso e abrigo.

Rapidamente, Aldara e o seu companheiro treparam ao monte, de onde era bem distinto o rumor das vagas a quebrarem-se de espuma, no doirado das praias. Entretanto, os homens do Emir, seguindo o rasto dos enamorados, começaram, também, a trepar o monte, com grande estrondo de cavalo e armas.

Aldara e o trovador viram-se perdidos! E, estreitados num firme abraço, prometeram, um ao outro, morrer juntos, sem que ninguém os conseguisse apartar.

Ao vê-los assim, unidos, maior foi a ira do Emir, ordenando logo aos seus soldados que os separassem, disposto, no íntimo, a perdoar à irmã a leviandade da fuga. Mas, por mais que os soldados quisessem obedecer-lhe, era-lhes inútil o esforço de afastar Aldara dos braços do trovador!

Mais de cem vezes tentaram a separação.

Mais de cem vezes desistiram do intento. Então, o Emir, rubro de cólera, ordenou que os dois corpos, tão fortemente enlaçados, fossem lançados às águas frias do mar revolto. Assim se fez. E, como por milagre, mal receberam em si os dois desesperados, as ondas aquietaram-se, bonançosas.

Mordido pelo remorso, O Emir foi-se dali para o seu palácio de Gaia, onde passou a viver uma existência amargurada.

Ao monte que assistiu, mudo de pasmo, a este castigo e a este prodígio, passou o povo a chamar-lhe Monte da Dor, hoje Montedor.

E diz-se que, em noites de tempestade, os pescadores da costa, privados do seu ganho, ante a violência das chuvas, ventos e trovoadas, evocam as almas de Aldara e do trovador, para que lhes venham valer na tormenta.

Então, do profundo das águas, julgam ver emergir dois vultos enlaçados que, boiando, serenos, lhes expulsam os medos e a procela, fazendo que os seus frágeis barcos de pesca possam alcançar, docemente, o bom porto.

Fonte: VIANA, António Manuel Couto - "*Lendas do Vale do Lima*". Ponte de Lima: Valima - Associação de Municípios do Vale do Lima, 2002, p. 19-21
Ilustração de António Vaz Pereira

LENDA DA SERRA DE ARGA

Era uma vez um rei chamado Evígio, forte e severo, que ocupava o trono visigótico da Península Ibérica, parte do qual se estendia pelas terras férteis que, séculos mais tarde, iriam constituir Portugal.

Evígio tinha uma filha única, de nome Eulália, muito bela, luz dos seus olhos, prometida por ele em casamento ao valente guerreiro Remismundo, que desejava como seu sucessor. Mas Eulália amava outro.

Amava o jovem Egica, nobre de sangue real, também ele valoroso, é certo, mas cujos amores com Eulália o rei Evígio contrariava, preso ao compromisso tomado com Remismundo.

Porque o coração se lhe negasse aceitar a decisão paterna, Eulália resolveu fugir com Egica para longe do seu reino, onde encontrassem, juntos, a felicidade desejada. E, numa certa noite escura, ambos, escapando à vigilância de servos e soldados, cavalgaram livres, para outros lugares mais amáveis.

Ao saber da fuga dos jovens namorados, logo o rei enviou um poderoso exército em sua perseguição. Conscientes dos perigos que corriam, Eulália e Egica procuraram ocultar-se o

melhor e o mais breve possível da ira de Evígio. E, debaixo de uma violenta tempestade, chegaram à vista de uma alta serra, chamada Medúlio, próximo da Galiza, onde fora construído o Mosteiro Máximo, conhecido de Egica, pois ali residia um velho amigo seu, Frei Gondemaro, decerto pronto a acolher, com satisfação e carinho, o par de fugitivos.

Vencendo as fúrias do vento rude e da chuva insistente, não tardaram a bater às portas do Mosteiro e a cingir os braços generosos do monge, que prontamente lhes ofereceu uma mesa abundante e o repouso dos leitos.

A manhã seguinte, trazendo consigo um Sol radioso, desvendou, aos olhos da princesa e do cavaleiro, um panorama deslumbrante de campos semeados, densos e verdes arvoredos, águas rumorejantes de riachos, rebanhos brancos de ovelhas, o mugido melancólico dos bois, um pulsar de vida selvagem entre as brenhas, uma festa de pássaros nos ares.

E Eulália, encantada com o que via, exclamou:

- Porquê chamar Medúlio ao esplendor e prosperidade desta serra, e não Agro, como merece?

Respondeu-lhe o irmão Gondemaro:

- Razão tendes. Pois toda esta riqueza se deve ao trabalho agrícola, de Sol a Sol, dos nossos bons monges que a cultivam sem fadiga e com muito amor.

Rogou-lhe, então, o par enamorado que, nesse dia magnífico, Gondemaro o casasse, antes que os homens de Evígio o descobrissem e levassem prisioneiro. Fez-lhe o frade a vontade, no segredo do altar florido, ante a bênção da cruz sagrada. Depois, Eulália, e Eugica partiram para novo reino, ainda mais distante do poder do rei ofendido.

Mas Eulália, ainda que junto ao seu amado, sofria de saudade do pai e da sua pátria, e levava os dias em lágrimas.

Até que chegou por fim, ao castelo onde o casal morava, o velho monge do Mosteiro Máximo. Vinha exausto da viagem penosa, tão demorada e tão cheia de perigos.

Mas trazia boas notícias!

O rei Evígio, também saudoso da filha querida, estava pronto a perdoar a desobediência e a fuga, se Eulália lhe desse um neto varão, que viesse alegrar-lhe a velhice e herdar-lhe a pesada coroa.

Não tardou muito que a princesa embalasse nos braços um filho, para perdão do rei e o regresso feliz dos exilados.

Porém, antes de alcançarem o palácio Evígio, perante a estima e o respeito de todos, quiseram voltar àquela altiva serra, onde haviam casado, chamada, agora, Serra de Arga, pois o povo, na sua ignorância, havia deturpado para Arga a palavra Agro, raiz da palavra Agricultura, com que Eulália justamente a apelidara.

E assim a Serra ficou chamada até aos nossos dias, com a beleza da sua paisagem doce e agreste, cada vez mais fecunda e arroteada, com o bulício da sua fauna e pujança da sua flora, recebendo os louvores entusiásticos de quem lhe sobe aos altos e desce aos vales, na devoção das romarias, escutando o balir manso dos rebanhos, o reboar dos sinos, o estrondo dos foguetes na lisura dos céus.

Fonte: VIANA, António Manuel Couto - "*Lendas do Vale do Lima*". Ponte de Lima: Valima - Associação de Municípios do Vale do Lima, 2002, p. 10-12
Ilustração de António Vaz Pereira

LENDA DAS CINCO BADALADAS

Era uma vez um homem chamado Bartolomeu, nascido em Lisboa, no século XVI, e baptizado na Igreja dos Mártires, de que passou a ser grande devoto.

Bartolomeu era inteligente e piedoso.

Decidiu dedicar-se a Deus e ingressou na Ordem Religiosa dos Pregadores, recebendo o respectivo hábito apenas com a idade de 14 anos, aplicando-se, depois, aos estudos da Filosofia e Teologia, que terminou com êxito.

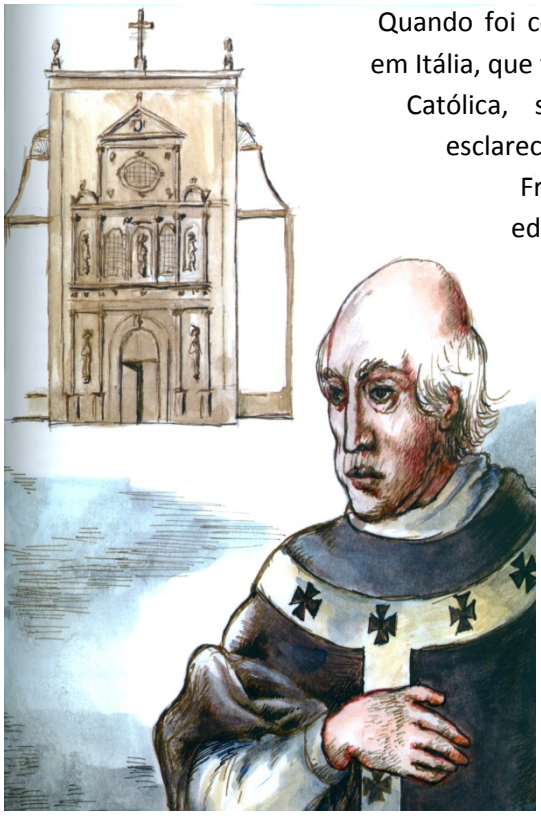
Instalou-se, então, no Convento de São Domingos de Évora, passando a usar o nome de Frei Bartolomeu dos Mártires, evocador da igreja onde recebera a água baptismal.

Na cidade alentejana exerceu um louvável magistério, havendo tido, como aluno, D. António, o Prior do Crato, mais tarde, ainda que por breves tempos rei de Portugal.

A sua dignidade de sacerdote e a sua sabedoria eram tais que a rainha D. Catarina, mulher de D. João III, o escolheu para Arcebispo Primaz de Braga, o lugar mais alto na hierarquia religiosa da Península Ibérica.

Esta honrosa nomeação foi confirmada pelo Papa.

As suas visitas pastorais, pelas terras esquecidas do Barroso, levaram-no a contactar com uma população miserável e de rudes costumes, que procurou ajudar, em acções generosas e justas.



Quando foi convocado para participar no Concílio de Trento, em Itália, que tinha o propósito de reformar e fortalecer a Igreja Católica, salientou-se pela sua palavra esclarecida e esclarecedora.

Frade Dominicano, resolveu, a dada altura, mandar edificar em Viana, então chamada Viana-da-Foz-do-Lima, um soberbo Convento, dedicado a São Domingos.

E, quando já envelhecido, e vendo a coroa portuguesa passar para a cabeça de um estrangeiro, D. Filipe II de Espanha, foi junto do rei rogar-lhe a permissão de renunciar ao seu cargo eclesiástico, a ir albergar-se, destituído de honras e riquezas, naquele Convento vianês, erguido com tanta devoção.

Encerrado numa cela desprovida de qualquer conforto, passava os dias entregue a orações e leituras de obras edificantes.

Mas, de vez em quando, deambulava pelo bairro dos pescadores, perto do convento, acudindo, caridoso, aos padecimentos e angústias daquela gente do mar, que o venerava e a ele recorria, em horas difíceis.

Um dia, porém, o lar humilde e pobre que visitava, não reconhecendo, naquele velho frade, D. Frei Bartolomeu dos Mártires, recebeu-o com desagrado, revoltado, como estava, com a desgraça que lhe caíra em cima: a morte prematura da mulher do pescador, apesar de todas as rezas fervorosas aos Céus, quer do marido, quer da jovem filha, a quem pesavam, agora, os cuidados da casa e os cuidados para com o pai. Entendeu e perdoou o arcebispo a atitude

hostil dos dois infelizes, mas não deixou de lhes recomendar resignação, pondo à disposição de ambos para quanto necessitassem; para qualquer súbita aflição.

E, num Inverno mais rigoroso, com o mar sacudido por ventos ciclónicos, chuva e trovoadas assustadoras, eis que a órfã procura o velho frade para que, com as suas preces, ele alcançasse de Deus o favor de um milagre: o milagre do seu pai, arrais de uma companha de mais quatro homens, conseguir fazer que o seu barco, quase naufragado no turbilhão das vagas, galgasse a barra, são e salvo.

O arcebispo, comovido, logo tranquilizou a jovem, garantindo-lhe que, após soarem cinco badaladas no sino do Convento, a pequena embarcação iria varar, intacta, nas areias da praia, trazendo a bordo, também intacta, toda a companha.

Mais: com o fundo a abarrotar de pescado!

E assim aconteceu.

A cada uma das cinco badaladas soltas da torre sineira de São Domingos, aqueles cinco pescadores, exaustos e desesperados, ganhavam uma nova energia, uma nova coragem, que os impelia a remar até à praia, onde o povo gritava, impotente para os socorrer.

Mal soara a quinta badalada, eis que, como D. Frei Bartolomeu dos Mártires havia prometido, o barco, intacto, vara na areia da praia, trazendo, também intacta, toda a tripulação.

E com o fundo a abarrotar de pescado!

Desembarcados, os cinco pescadores ajoelharam, agradecendo a Deus tal prodígio.

E, sabendo da boca da filha do arrais quem intercedera por eles aos Céus, livrando-os de tão duro transe, quando a morte lhes surgia, a todo o instante, diante dos olhos aterrados, logo correram ao Convento, a confessarem-se ao arcebispo devedores da graça recebida.

Mas a modéstia de D. Frei Bartolomeu dos Mártires recusou-se a assumir à janela estreita da cela, para lhes receber a gratidão.

Outros milagres, muitos outros, são atribuídos à bondade do velho arcebispo.

Ao falecer, foi enterrado à esquerda do altar-mor da igreja do Convento.

Aí, continua a atender os rogos dos pescadores da Ribeira vianesa, quando o mar lhes é padrasto.

Daí, os abençoa, com o amor da sua mão sempre milagrosa.

Fonte: VIANA, António Manuel Couto - "*Lendas do Vale do Lima*". Ponte de Lima: Valima - Associação de Municípios do Vale do Lima, 2002, p. 22-25
Ilustração de António Vaz Pereira